



## Adolescentes, sexo e telemóveis

Nuno Nodin

Psicólogo. Bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia

Veio recentemente a público que alguns adolescentes portugueses trocariam favores sexuais através da Internet por dinheiro ou por carregamentos de telemóvel. Esta notícia surge na sequência da publicação do trabalho de dois professores que observaram diversas *chat-rooms* frequentadas por adolescentes e onde verificaram diversos comportamentos desse tipo (Montalvo & Monteiro, 2007). A notícia surge envolta numa aura de escândalo e de indignação, mais uma vez demonizando-se a Internet e atribuindo-lhe alguma da responsabilidade no fenómeno. A questão é que não se trata de um fenómeno novo nem tão pouco se poderão atribuir à Internet responsabilidades directas no sucedido.

Para bem ou para mal, a comercialização do sexo, incluindo a prostituição, é um fenómeno tão antigo quanto a própria Humanidade. Crianças e adolescentes sempre fizeram e continuam a fazer parte deste mercado, por motivos que vão dos económicos aos culturais. Porém, se no passado os mais jovens foram muitas vezes considerados como elementos activos da força de trabalho ou como pequenos adultos, actualmente eles são vistos como seres frágeis e vulneráveis que necessitam de ser devidamente protegidos. Por esse motivo a prostituição infantil e juvenil é, nos dias de hoje, vista como um fenómeno de exploração.

Se este paradigma torna fácil encontrar culpados na exploração dos “inocentes”, ele complica a leitura de situações, tal como a dos adolescentes que se vendem por via electrónica, em que os explorados são os próprios agentes da sua exploração. Convirá referir que tal fenómeno não é novo, nem original. Numa investigação realizada na Nigéria sobre o comportamento sexual dos adolescentes (Amazingo et al., 1997), por exemplo, verificou-se ser habitual entre as adolescentes o envolvimento sexual com homens mais velhos a troco de dinheiro, mantendo, simultaneamente, namorados da mesma idade por motivos afectivos. A investigação revelou que cerca de 25% das raparigas entre os 14 e os 19 anos obtinha, através desta prática, os meios financeiros que, segundo as próprias, lhes permitiam comprar roupas e maquilhagens. Curioso, ainda, é o facto de nem raparigas nem rapazes abrangidos por este estudo considerarem estas relações como prostituição, mas como uma forma de acede-

rem aos meios que, de outra forma, seriam muito difíceis de alcançar.

Se esta realidade nos pode parecer distante geográfica e culturalmente, as evidências dos acontecimentos acima mencionados demonstram que talvez não o sejam assim tanto. Um exemplo paradigmático desse fenómeno e que nos é mais próximo, é o de Justin Berry, cujo caso foi trazido ao conhecimento público através de uma reportagem do *New York Times* (Eichenwald, 2005).

Justin é um rapaz norte-americano, filho de pais separados e a viver com a mãe. Aos 13 anos tinha já uma sua empresa de criação de sítios na Internet. Por não ter muitos amigos, decide comprar uma *webcam* e inscrever-se num sítio de amizades virtuais. Muito rapidamente é contactado por um conjunto de pessoas que de forma progressiva o vão cativando, oferecendo-lhe dinheiro e presentes em troca de certos favores frente à câmara. Começam por lhe propor que dispa a camisa contra a oferta de 50 dólares. Mas a parada vai aumentando e, ao longo da sua adolescência atribulada, Justin masturba-se e tem relações sexuais com prostitutas frente à câmara para desfrutar de uma audiência anónima, vende fotos suas nu e em diversos tipos de actos sexuais, e chega a encontrar-se com homens em motéis para manter relações sexuais a troco de dinheiro. Com 18 anos e uma já longa carreira sexual e de consumo de drogas, Justin decide contar a sua história ao jornalista que o contactou, e entregar à polícia a lista daqueles que foram seus clientes ao longo dos anos.

Se de alguma forma esta história é alarmante, não se deve perder de vista que Justin não era um rapaz vulgar. Não são todos os rapazes de 13 anos que têm a sua própria empresa, além de se tratar de um adolescente particularmente só e com um fraco acompanhamento familiar.

Para se ter uma noção da relatividade dos “perigos” da Internet para os mais novos, pode citar-se uma investigação realizada nos EUA (Wolak et al, 2002) com 1500 jovens entre os 10 e os 17 anos que se encontraram pessoalmente com os seus amigos virtuais. Neste estudo cerca de 80% desses jovens indicaram que o amigo/a tinha o aspecto que pensavam que teria e apenas 4% deles tinham uma idade diferente da que

Recebido: 26.07.2007  
Aceite: 30.07.2007

Correspondência:  
Nuno Nodin  
nunonodin@gmail.com

esperavam que tivesse. Além disso, apenas 2% dos jovens indicou que o amigo/a fez qualquer coisa no seu encontro face-a-face que os deixou desconfortáveis.

Antes de se decidir deitar para o lixo as *webcams* por esse país fora, tal como defendido nos EUA na sequência do caso Justin Berry, há que ter em consideração que a Internet é utilizada pelos jovens para os mais diferentes e legítimos motivos, incluindo a procura de informação sobre prazer sexual, uma temática que raramente é abordada por pais, professores ou técnicos (Longo et al., 2002) e que, por esse e outros motivos, pode ter um importante papel na educação sexual de crianças e jovens.

Apenas uma minoria de jovens se enquadrará no perfil de Justin Berry e certamente também que apenas uma minoria deles, no Portugal de hoje, vende imagens e favores a troco de carregamentos de telemóvel. Não é a Internet nem são os telemóveis que provocam estas situações, apenas os facilitam, aproximando fornecedor de cliente, no sexo como noutros comércios. Importante será perceber de que formas se poderá

chegar a estes jovens e prevenir um percurso de descida aos infernos, semelhante ao que aconteceu a Justin.

### Referências

1. Amazigo U, Silva N, Kaufman J, Obikeze DS. Sexual activity and contraceptive knowledge and use among in-school adolescents in Nigeria. *Int Fam Plan Perspect* 1997;23:28-33.
2. Eichenwald K. Through his webcam, a boy joins a sordid online world. *New York Times*, 2005/12/19.
3. Longo RE, Brown SM, Orcutt DP. Effects of Internet sexuality on children and adolescents. In: A Cooper, editors. *Sex and the Internet. A guidebook for clinicians*. New York: Brunner-Routledge; 2002; 87-105.
4. Montalvo R, Monteiro C. *Abominável Mundo Louco dos Jovens Cibernautas*. Lisboa: Gradiva; 2002.
5. Wolak J, Mitchell KJ, Finkelhor D. Close online relationships in a national sample of adolescents. *Adolescence* 2002;37:441-55.